

5

O sindicalista, o presidente

No capítulo 5 examino três discursos em que o presidente Lula constrói representações identitárias ligadas a seu passado de líder sindical e/ou a seu presente como presidente da república, se dirigindo a platéias presentes variadas, que têm em comum o fato de não serem formadas por beneficiários dos programas sociais do governo.

5.1

Discurso da economia solidária

5.1.1

Para quem discursa/com quem conversa o presidente?

O discurso que o Presidente Lula proferiu em Brasília, DF, em 27.06.2006, na abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária (discurso da Economia Solidária daqui por diante) tem uma platéia presente bastante diferente das platéias presentes/ públicos específicos dos três discursos analisados anteriormente. Não se trata de pessoas atendidas por programas sociais/ educacionais do governo, pessoas que estão portanto do lado “recebedor” das políticas sociais, mas de pessoas que participam de uma conferência sobre economia solidária e que, portanto, em tese, têm agentividade em termos de programas sociais e discutem e analisam uma política social do governo. Considerando o tipo de evento e o tema geral – cooperativismo – a platéia presente, com a possível exceção de uma parte dos jornalistas, tende a ser, de modo geral, uma audiência simpática ao orador, alinhada com ele.

Lembrando sempre que a platéia presente ao evento não é o único público ao qual o orador se dirige, chamo a atenção para a repercussão que o discurso teve na mídia (vide Anexo 6) na ocasião em que foi feito. Do discurso em questão, a mídia destacou principalmente a afirmação do presidente de que, quando assumiu o governo, “o Brasil era uma coisa meio desarranjada”. Os jornais tenderam a ressaltar o fato, citado pelo presidente em seu discurso, da devolução ao FMI de 15.6 bilhões de dólares e do pagamento da dívida com o Clube de Paris. Considerando que o

evento em que discurso foi pronunciado era uma conferência sobre cooperativismo, o destaque dado à questão do FMI mostra bem que o público ao qual o discurso se dirigia não era apenas a platéia presente, ou seja, os participantes da conferência enquanto pessoas ligadas ao cooperativismo, mas o eleitorado brasileiro de modo geral, a quatro meses de uma eleição na qual Lula tentaria se reeleger.

A percepção de que, em virtude da cobertura da mídia, um discurso do presidente pronunciado diante uma platéia presente específica acaba tendo como público-alvo a população brasileira em geral foi fundamental para a elaboração do enunciado discursivo e o será para a análise que dele estamos fazendo. Nessa análise, as noções de dialogismo, polifonia e vozes de Bakhtin (2000) serão instrumentais. O presente discurso, um discurso oficial do presidente (não do candidato), feito três dias após a oficialização da candidatura de Lula à reeleição, ressalta o que foi um dos principais temas de sua campanha eleitoral: o sucesso na condução da economia.

Ao contrário dos três outros discursos já analisados, neste, o presidente Lula não menciona o discurso pré-preparado, nem de alguma forma propõe conversar em vez de discursar. No entanto, há sinais implícitos que apontam inequivocamente para o enquadre “conversa”.

O primeiro deles é que Lula inicia seu pronunciamento fazendo uma rápida referência ao jogo do Brasil na Copa do Mundo que aconteceria naquele mesmo dia:

“Eu espero que daqui a uma hora e meia a gente esteja com esse mesmo entusiasmo, vendo o Brasil ganhar de Gana,”

Essa pequena e inocente observação constrói muitos sentidos. Para começar, mostra o presidente como um homem comum, que apesar das pesadas e importantes responsabilidades de seu cargo está, igual a todos os brasileiros, preocupado e animado com o jogo do Brasil. (Não estar pensando no jogo do Brasil, não fazer planos nem questão de assisti-lo indicaria uma pessoa no mínimo estranha.) A observação informa que, dali a uma hora e meia, ele estará, como todos os brasileiros, com os olhos grudados na TV, numa clara construção discursiva de pertencimento a uma cultura – uma construção que diz mais ou menos assim: podemos estar divididos em ricos em pobres, brancos e pretos, elite e trabalhadores, mas estamos todos unidos no futebol, somos todos torcedores. A observação mostra seu patriotismo (o

patriotismo entre os brasileiros se revelando no futebol) e o fato de fazê-la, diante desta platéia, quando está prestes a marcar e prestigiar com um discurso a solenidade de abertura da conferência, indica também que se sente entre iguais, entre amigos, o que permite a conversa informal.

Em segundo lugar, as saudações de abertura do discurso também apontam para esse enquadre de conversa, informal, entre amigos, conhecidos de longa data. Numa longa abertura, o presidente saúda os presentes, sendo que a dezoito deles se dirige individualmente pelo nome e cargo, usando em muitos casos uma expressão de apreço –“meu querido”/ “minha querida”, “companheiro”/ “companheira”, “de muitos e muitos anos”. Em várias ocasiões durante o desenrolar do discurso, o orador se dirigirá, individual e nominalmente, a alguns dos presentes.

Fica claro então que o presidente *conversa* com a platéia presente à cerimônia de abertura dessa conferência. Para quem ele *discursa*? Como tentarei mostrar na análise a seguir das narrativas pessoais encaixada neste pronunciamento, ele discursa para todos nós, a sociedade brasileira, o eleitorado, os leitores de jornal, os telespectadores dos noticiários televisivos. Seu discurso, suas narrativas vão responder dialogicamente às vozes ausentes de que nos fala Bakhtin, vozes ao mesmo tempo e de outra forma tão presentes, a ponto de determinar temas, conteúdos e abordagens do discurso do presidente Lula (Bakhtin, 2000).

Há cinco narrativas no Discurso da Economia Solidária, todas elas construídas de forma bastante canônica, do ponto de vista do modelo laboviano. Falando para “companheiros”, não mais para beneficiários de programas sociais como no capítulo anterior, mas para pessoas que, em princípio, comungariam com ele dos mesmos ideais do associativismo e do cooperativismo (ou seja, estariam alinhadas com ele), o presidente Lula se constrói discursivamente, através de narrativas, como líder sindical e como presidente, com determinadas qualidades, como que reveladas por suas ações nas histórias narradas. A análise a seguir buscará identificar os sentidos e as versões de mundo que o presidente Lula vai construindo nessas narrativas encaixadas no discurso e, também, como alguns desses sentidos e versões de mundo dialogam com outros sentidos e versões de mundo discursivamente construídos ao longo do tempo por inúmeros outros atores sociais na cena política brasileira.

5.1.2

1ª narrativa: O sindicalista solidário

Após as saudações da abertura, o presidente Lula passa ao discurso propriamente dito, que se inicia com uma narrativa:

— “Nós [nos] demos as mãos” —

“A primeira vez que eu fui escolhido para ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nós estávamos fazendo, Paul Singer, um curso de psicodrama, que era para a gente despertar em cada um dos dirigentes a sua visão de mundo, a sua visão de sindicato. E uma das cenas que me fez ser escolhido para presidente do Sindicato, porque tinha outros pretendentes, é que tinha uma pergunta que dizia o seguinte: agora vocês vão representar a visão de vocês sobre o sindicato. E o meu concorrente pediu para um companheiro agachar, subiu em cima desse companheiro e ficou com os braços abertos como se fosse um avião. E quando chegou a minha vez, eu reuni todo mundo que estava na sala, nós demos as mãos e fizemos uma roda de pessoas. E por conta disso eu fui escolhido pela diretoria para ser presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo. Foi a primeira visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união.”

A primeira narrativa revive um episódio vitorioso da vida de Lula – sua eleição em 1975 para presidir pela primeira vez o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Com essa história, o presidente Lula constrói e recupera para os presentes sua identidade de *sindicalista/ operário* que é, por assim dizer, sua identidade histórica, aquela ligada à trajetória de sua vida pública e que o representa como o herói operário que enfrentou a ditadura e se sacrificou pelo bem dos companheiros. A vitória naquela primeira eleição para presidente do sindicato se deveu, segundo relata Lula, à sua “visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união”, o que é importante para o tema da conferência (economia solidária), para a *identidade de sindicalista* e também para a *identidade de presidente*.

Como já mencionado (item 4.1.1), a identidade de presidente é, num primeiro momento, estabelecida pelo cargo que orador ocupa. No discurso da Economia Solidária, através de uma série de narrativas encaixadas, a identidade de presidente vai aos poucos sendo desenvolvida discursivamente, com a introdução de qualidades e características específicas, como que reveladas por comportamentos e atitudes do personagem Lula nas histórias narradas. Na narrativa acima, a menção de que a

vitória naquela primeira eleição se deveu à sua “visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união” evoca, creio, (sem as mencionar explicitamente) muitas eleições posteriores, inclusive a eleição presidencial de 2002, que Lula também teria vencido por “acreditar no coletivo”, “na união”.

A articulação da identidade de *sindicalista / operário* (construída na história como a identidade do “eu” que é personagem da narrativa) com a identidade de *presidente* (estabelecida pela capacidade na qual Lula se dirige à platéia) é ao mesmo tempo vitoriosa e problemática. Vitoriosa, no sentido de que é admirável um operário, um líder sindical, ter chegado a presidente, coisa que o bordão lulista “nunca antes na história desse país” parece espelhar; e problemática, no sentido de que as identidades de operário e presidente tendem a ser contraditórias e excludentes nas representações sociais coletivas de muitos segmentos da sociedade brasileira. Por isso mesmo talvez, para minimizar essa contradição e a percepção por parte de alguns segmentos da sociedade de que faltaria a Lula preparo intelectual para o cargo de presidente, a narrativa enfatiza o “curso de psicodrama”, a concorrência com o outro postulante ao cargo e a vitória por mérito, por “acreditar no coletivo”, “acreditar na união”.

5.1.3

2ª narrativa: o sindicalista perspicaz

A segunda narrativa se segue diretamente à primeira, sem nenhum trecho de discurso não narrativo entre elas (grifos meus).

— João Ferrador —

“Depois que eu assumi o Sindicato, o Marinho, muito jovem, peão novo na categoria, ele sabe que nós cunhamos um personagem chamado “João Ferrador”. O João Ferrador era um bonequinho bravo que tinha um chapeuzinho e na camiseta estava escrito assim: “hoje eu não estou bom”. Se fosse hoje, estaria escrito na camiseta: “hoje eu estou bem”. Mas naquele tempo, o clima político exigia que nós colocássemos “hoje eu não estou bom”.

Eu descobri que os trabalhadores tinham dificuldade de ler os boletins que a gente fazia, porque a gente fazia um boletim e, primeiro, tinha uma dissertação ideológica, sempre xingando alguém e, no final, a gente colocava o que a gente queria. Mas entre a gente distribuir o boletim e a portaria da fábrica **eu descobri**, um belo dia,

que não dava tempo para o trabalhador ler o que a gente queria. Ele lia todos os xingamentos, mas na hora dos entretanto, ele jogava fora o boletim.

Então, **nós inventamos** de fazer história em quadrinhos com o “João Ferrador”, o maior símbolo que a gente utilizava dizendo que uma vara só era muito fácil de quebrar, mas que um feixe de varas era praticamente impossível de se quebrar. “

Tanto nessa narrativa, como na anterior, o presidente se dirige diretamente a dois participantes da conferência – o economista Paul Singer e o ministro do trabalho Luis Marinho – que participaram também dos eventos narrados, Singer na primeira história e Marinho na segunda. A estratégia serve a uma tripla função: cria envolvimento com a platéia, transformando o discurso numa conversa espontânea entre amigos e é, assim, um sinal implícito do enquadre conversa-informal, uma metacomunicação, para usar o termo e a noção de Bateson (1972); a estratégia aumenta a credibilidade do presidente e da história, pois afinal há terceiros presentes que podem garantir de modo independente a autenticidade dos fatos narrados; e, ao mostrar que pessoas que ocupam hoje cargos importantes na república já eram companheiros nos tempos do sindicalismo, a estratégia constrói para o presidente a identidade de *companheiro leal*, de homem que não esquece os amigos e a quem os amigos permanecem fiéis.

Considerando a idéia bakhtiniana de que “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” (Bakhtin, 2000, p. 291), essa identidade de *companheiro leal*, construída discursivamente pela estratégia de se dirigir pelo nome a alguns dos presentes (“companheiros” / “de muitos e muitos anos”) no decorrer do discurso responde e contesta uma possível percepção contrária de que o presidente Lula estaria *sacrificando* companheiros de longa data, como Dirceu, Palocci e outros⁴.

Adicionalmente, esta segunda narrativa reforça a identidade de *sindicalista / operário/ herói*, fazendo inclusive uma referência explícita ao “clima político” da época da ditadura, e acrescentando a essa identidade, com o “eu descobri”, atributos importantes para um presidente – perspicácia e inteligência, ainda mais importantes quando colocados em contraponto ao “eu fui traído” e “eu não sabia de nada”, que

⁴ Palocci deixou o Ministério da Fazenda em 27 de março de 2006, num desdobramento da crise do mensalão, no auge da CPI dos Bingos; antes dele, em 2005, por causa de denúncias de corrupção, haviam caído, entre outros, José Dirceu, José Genoíno, Delúbio Soares.

resumem a atitude pública do presidente Lula diante das várias denúncias de corrupção durante a crise do “mensalão”⁵. Assim, de novo, a noção bakhtiniana de dialogia se impõe à análise. As identidades discursivamente construídas na narrativa, de pessoa perspicaz e inteligente, respondem ao que dizem as *vozes ausentes*, ou seja, que não ter visto o que, por sua posição de chefe, deveria ter visto significaria não ser o presidente suficientemente perspicaz para governar.

Note-se ainda que, no mundo da história, a causa de um problema (falta de comunicação entre sindicato e trabalhadores) foi detectada individualmente pelo presidente, o que reforça sua perspicácia e inteligência – “...**eu descobri**, um belo dia, que não dava tempo para o trabalhador ler o que a gente queria” – mas a solução é conjunta, em harmonia com a ênfase nas vantagens do cooperativismo – “Então, **nós inventamos** de fazer história em quadrinhos com o “João Ferrador”.

5.1.4

Avaliação da 1ª e 2ª narrativas: o que há de mais sagrado

A moral da história – a avaliação conjunta para as duas narrativas - é introduzida didaticamente pela pergunta “ Por que eu contei essas duas histórias para vocês?” (meus grifos e marcas)

“Por que **eu** contei essas duas histórias para vocês? Porque esse momento que **nós** estamos vivendo aqui, para quem acredita em cooperativas, para quem acredita em economia solidária, é uma espécie de momento mágico. É uma coisa muito forte por quê? Não pelo que **nós** já fizemos, mas pelo simbolismo desta Conferência, que nos diz o que **nós** poderemos fazer daqui para frente. E quando eu digo **nós** fazemos, não é o Lula fazer, porque eu acredito numa outra coisa mais sagrada até do que a figura da pessoa, é um padrão de relacionamento que o Estado brasileiro precisa criar com a sociedade para permitir que a sociedade não dependa da decisão de um homem, mas dependa das decisões emanadas dos próprios fóruns coletivos de que participa.

O que **eu** quero dizer para vocês, no fundo, no fundo, é que **nós** temos que criar uma organização tão forte e tão sólida que, independentemente de quem venha a

⁵ A chamada crise do mensalão marcou o primeiro mandato de Lula e consiste basicamente em acusações de que o governo estaria comprando (com pagamentos em dinheiro) o apoio de parlamentares.

ser presidente da República, essa pessoa saiba que não pode desmontar o que está enraizado, que não pode desrespeitar a vontade de um coletivo da sociedade brasileira, e esse é o maior legado que um presidente da República pode deixar para o seu povo, é a organização sólida, é o convencimento da sociedade de que valeu a pena acreditar naquilo.”

A avaliação que se segue às duas narrativas é longa, trata diretamente do tema da conferência – cooperativismo / economia solidária – e é um raro exemplo, neste discurso, de trecho construído principalmente com expressões avaliativas, termos abstratos, os quais se referem de modo respeitoso e positivo ao cooperativismo: “momento mágico”, “coisa muito forte”, “coisa mais sagrada”, “forte”, “sólida” ... Essa forma de se referir ao tema da conferência promove e reforça o alinhamento da plateia presente com o orador.

O jogo dos pronomes “eu”, “nós includente” (claro) e “nós excludente” (ambíguo) é operacional para o desenvolvimento do tema “cooperativismo”. Na avaliação conjunta das duas primeiras narrativas, o orador constrói sua *identidade de presidente da república* como líder que, por ser especial e diferente de todos que o precederam – seu passado de sindicalista o autoriza a acreditar no cooperativismo –, deixará a “seu povo” um “legado” que o ultrapassa. Como mencionei anteriormente, a articulação entre a identidade de *operário / sindicalista* e a de *presidente* não é fácil, mas foi resolvida aqui, penso eu, muito habilmente, valorizando a experiência do sindicalista, apresentando essa experiência como importante para o bom desempenho de um presidente que respeita “a vontade de um coletivo da sociedade brasileira”.

O argumento é fundamentalmente o mesmo detectado nos discursos anteriores onde, ao se construir como nordestino pobre, que conheceu a fome, e operário, que enfrentou a massacrante rotina de vida na periferia das grandes cidades, Lula inverte a suspeita implícita de que por ter sido pobre e operário e não ter estudado além do primário não estaria preparado para governar. Naqueles discursos, através da construção discursiva de sentidos e identidades, o orador procurava mostrar que, ao contrário, por conhecer a fome e as dificuldades dos trabalhadores estaria mesmo mais qualificado do que outros a governar. Também aqui, através da construção discursiva de uma identidade de sindicalista solidário, perspicaz e inteligente, o

orador procura mostrar que sua trajetória de vida, ao contrário do que possam dizer vozes *ausentes*, o qualifica excepcionalmente para o cargo de presidente.

5.1.5

3ª narrativa: o sindicalista flexível

A história abaixo é contada para ilustrar o argumento que o presidente desenvolve no parágrafo imediatamente anterior, de que não é fácil concretizar certos projetos porque eles requerem mudanças no *status quo*, mudanças de crenças e de comportamentos habituais, e as mudanças são processos difíceis e demorados.

— Quando a Conforja faliu —

Eu me lembro que lá em São Bernardo nós tínhamos uma empresa chamada Conforja, não sei se tem alguém aqui da Conforja, Maria⁶, mas eu me lembro que a Conforja era uma grande metalúrgica com mais de 3 mil trabalhadores. Quando ela faliu, a maioria das pessoas não recebeu nada. Então, o Sindicato propôs criar uma cooperativa. A maioria dos trabalhadores não acreditou, alguns foram até para a porta da fábrica fazer assembléia contra o Sindicato, dizendo que o sindicato estava traindo os trabalhadores, não é, Remigio, que era preciso brigar, não sei das quantas.

O que aconteceu de lá para cá? Os que entraram na Justiça até hoje não receberam a sua indenização. Os que optaram pela cooperativa estão ganhando muito mais do que ganhavam enquanto trabalhadores, e a empresa está crescendo. E aí tem outros exemplos, tem outros exemplos em vários lugares do Brasil.

O ponto dessa terceira narrativa parece ser então mostrar à platéia, de maneira vívida, concreta, experiencial que “é mais fácil falar do que fazer”, ou que “na prática a teoria é outra”, ou ainda, nas palavras do próprio Lula no parágrafo que antecede à narrativa, que “eu achava que era mais fácil, mas a teoria e a prática têm uma distância do tamanho do Oceano Atlântico.” A própria escolha lingüística do presidente Lula (“a teoria e a prática têm uma distância do tamanho do Oceano

⁶ Talvez Maria do Carmo Ferreira da Silva, secretária especial interina de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial, presente na platéia, ou, talvez, alguma participante da conferência não identificada nominalmente nas saudações iniciais e que tenha participado dos acontecimentos da Conforja.

Atlântico”) remete aos ditados populares citados antes, o que é um fator que facilita a comunicação.

A identidade que o presidente Lula constrói na narrativa acima é a do *sindicalista inteligente, flexível, pragmático* (por oposição a radical), capaz de se adaptar a novas circunstâncias e de avaliar correta e friamente uma situação para agir com pragmatismo, de forma a obter a maior vantagem possível para seus companheiros. Afinal, no mundo da história, Lula, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, opta pela criação de uma cooperativa de trabalhadores para tocar uma empresa falida, em vez de brigar pelas indenizações devidas. E, como ele próprio indica na avaliação da narrativa, embora a decisão tenha sido mal-vista na época por uma parte dos operários, provou ter sido uma decisão inteligente que beneficiou os trabalhadores que a subscreveram visto que “os que entraram na Justiça até hoje não receberam a sua indenização”, enquanto os outros que aceitaram a solução criativa da cooperativa “estão ganhando muito mais do que ganhavam enquanto trabalhadores”.

A partir desta narrativa, o orador começa a preparar a imagem do Brasil “como uma coisa assim um pouco desarranjada”, que veio a receber ampla divulgação na mídia. O discurso passa a se dirigir muito mais aos eleitores em geral do que aos participantes da conferência, ou seja, aos participantes da conferência enquanto eleitores e à população de um modo geral. Muito bakhtinianamente, o discurso passa a responder a críticas, explicar posições, contestar enunciados que não estão explicitados neste discurso, mas que mesmo assim o perpassam e lhe dão forma. E como isso é feito?

Num primeiro nível, mais superficial, mais “literal”, temos a figura do *sindicalista inteligente, flexível e pragmático*, em suma, um sindicalista de resultados, que (muito providencialmente, já que estamos numa conferência sobre de economia solidária) valoriza o cooperativismo. Essa harmonia entre as idéias do Presidente e os valores do cooperativismo já seria motivo suficiente para narrar a história *Quando a Conforja faliu* no contexto da conferência. Mas, pergunto, há outros motivos pelos quais seria importante projetar essa imagem de *sindicalista inteligente, flexível e pragmático*? Há outras razões para narrar a história da Conforja? A resposta é sim: para se contrapor às críticas de alguns setores da sociedade de que o presidente teria traído seus ideais e seus antigos companheiros, e, uma vez no governo, teria se aliado ao capital e estaria se comportando como um *tucano* liberal. Para responder a essas

críticas, num segundo nível, mais profundo, a imagem do *sindicalista inteligente, flexível e pragmático* (construída na narrativa) evoca a figura de um *presidente flexível e pragmático* e sugere que os críticos atuais do presidente podem estar errados (como estavam enganados os operários da Conforja que não quiseram optar pela cooperativa); sugere ainda que flexibilidade e pragmatismo obtêm resultados, e que é preciso evoluir, mudar, ser pragmático e flexível quando se quer cobrir a “distância do tamanho do Oceano Atlântico” que separa a teoria da prática.

Nesse sentido é que afirmei acima que, nessa altura, o discurso passa a se dirigir muito mais aos eleitores em geral – *circunstantes ausentes* (Hutchby, 1997) ou “interlocutores *imaginados*” (Goffman, [1979] 2002, p. 126). Ao falar da Conforja e de sua solução não-ortodoxa (mas bem sucedida) para os problemas decorrentes da falência da metalúrgica, o presidente Lula estaria também construindo outros sentidos: fazendo uma defesa de atitudes suas, especialmente na área de política monetária, criticadas pela ala mais ortodoxa do PT como alinhadas com o liberalismo e apresentadas por ele mesmo como resultantes de pragmatismo político.

5.1.6

4ª narrativa: o pai decidido

A quarta narrativa quebra a seqüência de narrativas em que o presidente Lula vinha se construindo como um sindicalista com determinadas qualidades específicas: alinhado com os valores do cooperativismo, solidário, inteligente, perspicaz, flexível, pragmático.

— “Um avião todo escrito em inglês” —

“... porque eu lembro, Eduardo⁷, que uma vez eu ganhei um avião de presente para o meu filho e um avião todo escrito em inglês, aquelas cartilhas para montar. Eu cheguei em casa, peguei aquele avião e falei: o que diabos eu vou fazer com isso aqui? Eu não sei ler inglês, eu não conheço nada de avião, como é que eu vou montar? A primeira impressão que tive foi de jogar fora, deixar lá. Aí eu lembrei que era possível procurar alguém que soubesse montar para mim. Arrumei uma pessoa que montou o avião e ficou bem.”

⁷ Provavelmente o “companheiro” Eduardo Suplicy, presente na platéia.

Nesta quarta narrativa encaixada no discurso da Economia Solidária, o presidente Lula se constrói como um pai simples, que não fala inglês, ganha para seu filho um avião de montar com as instruções em inglês e que, por não saber inglês, se vê impossibilitado de montar o avião para o filho. (Uma parcela considerável da população pode se identificar com esse pai!) Mas Lula, que se constrói como pai e pessoa simples, do povo, ‘gente como a gente’, não é estúpido: procura alguém que saiba inglês para montar o avião e ... resolve o problema.

Essa *identidade de pai*, tal como construída na narrativa acima, é tanto mais efetiva na medida em que é cambiante, pois funciona também como metáfora para a *identidade de presidente*, que não sabe tudo, não pode nem precisa saber tudo, mas, para governar, necessita apenas se acercar de especialistas, no caso, economistas.

A identidade de pai construída nessa narrativa, encaixada no discurso que Lula faz para uma platéia de “companheiros” do movimento de Economia Solidária, é diferente da identidade de pai construída nos discursos pronunciados por ele diante de platéias formadas por jovens beneficiários de programas sociais do governo. Naqueles discursos, a partir de um enquadre de conversa-de-pai, pai era quem dava conselhos aos filhos adolescentes, incentivando-os a seguirem o caminho do bem. No presente discurso, pai é quem encontra soluções e resolve problemas; a identidade de pai construída na narrativa “*Um avião todo escrito em inglês*” está muito mais perto da *identidade de líder/ presidente*. Nos discursos anteriores, pai funcionava como metáfora de presidente apenas na medida em que governar é visto como cuidar, o que, aliás, é uma colocação freqüente nos discursos de Lula.⁸

5.1.7

5ª. narrativa: o presidente vitorioso / o pai-herói

Na 5ª. narrativa, abaixo, (grifos meus), que eu chamaria de “avaliativa” pois ela funciona como avaliação da 4ª. narrativa, chega-se finalmente à imagem do Brasil “como uma coisa assim um pouco desarranjada”, que mencionei no item 5.1.1 ao falar dos pontos do discurso que receberam atenção especial da mídia.

⁸ Ver, por exemplo, no “segundo” discurso do ProJovem, pag 10 da transcrição: “Governar é cuidar. É tratar com carinho”. Também, no discurso feito em 03.10.07 na abertura do Encontro Nacional da Indústria da Construção (não analisado mas já citado), Lula diz: “Então, mais do que governar, Paulo, eu me levanto todos os dias para cuidar deste País...”

— “[O Brasil] era uma coisa um pouco desarranjada” —

“O Brasil, quando nós o pegamos, era assim. Ele era uma coisa um pouco desarranjada, as pessoas achavam que não ia dar certo. Economistas sérios, como o Paul Singer, a Maria da Conceição Tavares, achavam que a gente ia ter muita dificuldade. Alguns achavam até que o Brasil estava quebrado. De vez em quando eu dizia para eles: “diabos”, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República. Por que eu vou ser presidente da República?

O que aconteceu? É que nós conseguimos arrumar a Casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira ao ponto de chegarmos no ano passado e decidir devolver ao FMI 15 bilhões e 600 milhões de dólares que nós pagávamos de juros e que não precisávamos dele. Salvar o Clube de Paris e até pagar as dívidas das moratórias, ainda do tempo do presidente Sarney. E, além disso, fazer a poupança interna saltar de 17 para 25%, fazer o crédito pular para 32%, ...”

A identidade construída anteriormente, de pai decidido que sabe onde ir buscar ajuda e não se intimida com as dificuldades, vem bem a calhar e sofre uma metamorfose: agora é um presidente calejado, que se cerca dos melhores economistas, que reconhece a enormidade das dificuldades à sua frente, mas não se intimida e sai absolutamente vitorioso. Como *pai* funciona como metáfora de *presidente* – *pai* e *presidente* os dois lados da mesma moeda – é possível passar da *identidade de presidente vitorioso* para a *identidade de pai herói*, e vice-versa, sem sobressaltos.

É fascinante ver como um fato potencialmente embaraçoso (pagar a dívida com o FMI) para a imagem histórica de Lula, de sindicalista de esquerda, de militante do PT, se transforma, com a ajuda de algumas narrativas e um punhado de estratégias discursivas, na grande vitória do presidente, no heróico feito do pai. Não cabe aqui, absolutamente, discutir as vantagens ou desvantagens e a conveniência ou não de se pagar os 15.6 bilhões de dólares ao FMI do ponto de vista financeiro, econômico ou político. O fato é que durante anos – não importa se correta ou incorretamente – o sindicalista, militante petista, deputado e eterno candidato Luís Inácio Lula da Silva se posicionou contra o pagamento ao FMI (embora o candidato Lula na campanha vitoriosa de 2002 já tivesse amenizado um pouco essa posição). Durante muito tempo, as palavras de ordem foram: *não vamos pagar a dívida com a fome do povo, a dívida é impagável...* Seria de se esperar que uma mudança de posição tão radical

provocasse embaraço, explicações. Ao contrário, o fato é comemorado como motivo de orgulho nacional e, nas palavras finais do presidente no presente discurso, apresentado como afirmação da soberania nacional:

“E eu acho que vocês podem sair daqui com o exemplo de que o Brasil não depende mais do FMI, o Brasil não depende mais do sorriso do presidente americano, o Brasil não depende mais do sorriso de ninguém. O Brasil depende só de nós, ...”

Essa 5ª. narrativa faz uso do *diálogo construído*. Segundo Tannen ([1989]1999) o diálogo construído não se confunde com discurso direto e indireto, que são categorias puramente gramaticais. Tannen argumenta que quando palavras ditas por um falante em um determinado contexto são repetidas em outro contexto, mesmo que as palavras sejam reportadas com fidelidade, há uma mudança de enquadre que é fundamental e não pode ser ignorada na análise do discurso.

Quando, no primeiro parágrafo da narrativa acima, Lula diz:

“De vez em quando eu dizia para eles: “diabos”, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República. Por que eu vou ser presidente da República?”

que função cumpre a estratégia do diálogo construído? Parece ser a de vocalizar a reação que qualquer eleitor tem/teria diante das dificuldades de se governar um país *desarranjado* como o Brasil, ou seja, imaginar porque alguém iria querer um trabalho tão difícil. As palavras são colocadas na boca do próprio presidente, o que favorece a identificação / o alinhamento dos eleitores com ele e contribui para reforçar a idéia de que o presidente é “gente como a gente” e que, com este presidente, *nós* estamos todos no governo.

É interessante notar que a pergunta não é respondida com uma razão, um motivo para querer ser presidente, mas com o resultado absolutamente arrebatador da empreitada:

“O que aconteceu? É que nós conseguimos arrumar a Casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira ao ponto de chegarmos no ano passado e decidir devolver ao FMI 15 bilhões e 600 milhões de dólares que nós pagávamos de juros e que não

precisávamos dele. Saldar o Clube de Paris e até pagar as dívidas das moratórias, ainda do tempo do presidente Sarney. E, além disso, fazer a poupança interna saltar de 17 para 25%, fazer o crédito pular para 32%, ...”

apresentado, de resto, como consequência da ação de um ambíguo “*nós*” e um ambigüíssimo “*a gente*”.

A escolha estilística entre usar “*nós*”/ “*a gente*” / “*eu*” aponta para uma estratégia discursiva de envolvimento (Bastos, 1988; Lakoff, 1990; De Fina, 1995; Bull e Fetzer, 2006). Bull e Fetzer notam que “através do uso seletivo de pronomes, os falantes podem adotar alinhamentos que indiquem um maior ou menor envolvimento, dependendo de seus objetivos” (2006, p. 9) (minha tradução). Em seu livro “*Talking power – The politics of language*”, a lingüista norte-americana Robin Lakoff caracteriza os pronomes pessoais como “esses servidores simples e humildes da língua [que] podem ser colocados a serviço de nobres funções simbólicas”(1990, p. 183) (minha tradução).

As funções e conotações de “*nós*” estão longe de ser tão pacíficas e unívocas quanto o senso comum parece acreditar. A definição básica (cf. a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra) é “primeira pessoa do plural”, ou seja, “quem fala” no plural. Já aí, o uso revela uma certa ambigüidade, pois o “*nós*” pode incluir o ouvinte (*nós* inclusivo) ou excluir o ouvinte (*nós* excludente). No primeiro caso, “*nós*” significa “eu e você ou vocês”; no segundo, “eu e alguns outros, mas não você ou vocês”. Além disso, a gramática registra o plural de modéstia e o plural de majestade, ou seja, dois usos contraditórios do mesmo humilde pronome “*nós*” a contribuir para a ambigüidade. Acrescente-se a isso o “*a gente*”, reservado normalmente a usos mais informais, e que também pode ser inclusivo ou excludente.

O que exatamente significa dizer que “nós conseguimos arrumar a casa” e que “a gente resolveu o problema da economia brasileira”? Trata-se do “*nós/ a gente*” inclusivo ou exclusivo? Plural de modéstia? Plural de majestade? A ambigüidade permite supor um *nós* inclusivo que funciona no sentido de obter alinhamento da platéia com o orador. O “*nós*” inclusivo nesse trecho, veiculando a idéia de que povo e governo são “um”, não é uma colocação assim tão improvável face a outros discursos do presidente no mesmo período, em campanha eleitoral. Em comício em Belo Horizonte em 26.09.2006, Lula usou a metáfora que batizei de

“metáfora da transubstanciação”, por evocar o mistério católico da eucaristia, e que autoriza essa simbiose. Disse Lula:

“Eles perguntam porque o Lula não cai. O Lula não cai porque não está sozinho, é uma parte deste país que adquiriu consciência política. Na hora em que tirarem minhas pernas, vou andar com as pernas de vocês. Quando tirarem meus braços, vou gesticular pelos braços de vocês. Na hora em que tirarem meu coração, vou amar com o coração de vocês. E na hora em que eles tirarem minha cabeça, vou pensar pela cabeça de vocês.” (O Globo, 27/09/2006)

5.1.8

Identidades superpostas

As cinco narrativas pessoais encaixadas no discurso da Economia Solidária retomam episódios de vida do presidente Lula quando ele era líder sindical e se articulam entre si como parte de sua história de vida (Linde, 1993). Os eventos passados trazidos para o presente pela memória são organizados em narrativas, sob a ótica do presente e com objetivos e efeitos contextualmente determinados. Essas narrativas são construídas com riqueza de detalhes e usando recursos comunicativos eficazes e variados – entre eles, *diálogo construído*, menção direta a pessoas conhecidas na platéia, alternância eficiente entre *eu*, *nós*, *a gente*. Nas narrativa e pelas narrativas, o presidente Lula constrói discursivamente uma série de *identidades*, de representações públicas do *eu*.

Essas identidades narrativamente construídas vão se superpondo, num crescendo: primeiro a identidade do sindicalista solidário, afinado com os valores do cooperativismo; em seguida, o sindicalista inteligente, perspicaz; depois o sindicalista de resultados, flexível pragmático; ao mesmo tempo, o companheiro leal, que não esquece os amigos nem sua história de operário, mesmo depois de ter chegado a presidente da república; em seguida, o pai que não fala inglês e é “gente como a gente”, mas é também decidido, esperto e sabe onde procurar ajuda; finalmente, o presidente absolutamente vitorioso que, se cercado de economistas competentes que são também companheiros de longa data, “resolveu o problema da economia brasileira”. Essas várias identidades se superpõem como camadas num processo de laminação, formando uma identidade altamente positiva que, a se julgar pelos índices de popularidade medidos regularmente pelos institutos de pesquisa e pelo resultado da eleição presidencial de 2006, realmente consegue ganhar identificações e lealdades.

Volto à consideração que fiz na Introdução deste trabalho e no final do item 4.2.7, sobre uma análise de discursos do presidente Lula, feita de uma perspectiva sociolingüística interacional e com foco nas narrativas pessoais encaixadas, ser capaz de revelar o viés lingüístico-discursivo do *carisma* do presidente, que é mencionado por muitos como um dos fatores que explicam sua continuada popularidade. Penso que a análise que venho fazendo até aqui mostra exatamente isso, que o *carisma* do presidente Lula tem um componente lingüístico-discursivo claro, que se revela na análise das narrativas pessoais que povoam alguns de seus discursos políticos.

5.2

Narrativas como argumentos

Nos dois discursos que apresentarei a seguir – discurso pronunciado em Aguiarnópolis, TO, em 23.05.06 durante vistoria às obras do trecho Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul (discurso da Ferrovia Norte-Sul daqui por diante) e discurso pronunciado em Brasília, DF, em 27.12.06, na cerimônia de assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo (discurso do salário mínimo) – narrativas pessoais são encaixadas com a função específica e bastante evidente de fundamentar um argumento. Como as datas indicam, o discurso da Ferrovia Norte-Sul foi feito no período pré-eleitoral antes do presidente Lula se tornar oficialmente candidato à reeleição; e o discurso do salário mínimo foi proferido depois da vitória nas eleições, antes da posse que marcou o começo do segundo mandato. Começarei por este último discurso, o mais recente.

5.2.1

Discurso do salário mínimo

No discurso feito na assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo, em cerimônia no Palácio do Planalto, em 27.12.06, ao contrário do que normalmente ocorre, o presidente Lula não se dirige nominalmente a ninguém – o discurso começa sem as saudações iniciais de praxe. Eis o primeiro parágrafo do referido discurso:

“Eu quero, primeiro, cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais e os companheiros ministros que souberam, da forma mais civilizada possível, se colocar em torno de uma mesa e encontrar um denominador comum que pudesse atender, senão as aspirações e o desejo que temos com relação ao salário mínimo que cada um constrói na cabeça como ideal, atender aquilo que era possível fazer de melhor para que nós continuássemos a política de recuperação do salário mínimo.”

Na falta de uma grande platéia, a saudação inicial de praxe é substituída por um agradecimento aos dois grupos presentes: dirigentes sindicais e ministros. Exceto por assessores, e talvez fotógrafos, é provável que não haja mais ninguém presente à cerimônia, nem mesmo jornalistas. Assim, este discurso, feito pelo presidente, um ex-dirigente sindical, apresenta a peculiaridade de se dirigir a um público presente específico pouco numeroso e bastante restrito – dirigentes sindicais e ministros, um dos quais, o então Ministro do Trabalho, Luiz Marinho, é também ex-dirigente sindical (ex-presidente da CUT).

No final da transcrição do discurso, somos informados que a secretaria de imprensa distribuiu um *press release* que reproduzo, em anexo, junto com a íntegra de todos os discursos analisados. O *press release*, com o título de “Governo e sindicalistas assinam acordo para reajuste do salário mínimo” é um texto basicamente técnico, que informa o percentual e o valor do reajuste, detalha um pouco a política de valorização do salário mínimo a médio prazo e fornece uma série de dados estatísticos.

Lendo o *press release* é possível saber / lembrar que, em dezembro de 2006, o governo assinou um acordo com as centrais sindicais estabelecendo um plano de aumento real para o salário mínimo, com reajustes acima da inflação até 2011. Esse acordo previa, para 2007, que o salário mínimo passasse de R\$350,00 para R\$380,00, ou seja um aumento de R\$30,00, a partir de 1º de abril. Já no primeiro parágrafo do discurso (vide acima) fica claro que, na opinião do orador, esse aumento pode não ser o ideal, mas é o que “era possível fazer de melhor”.

Nos parágrafos seguintes, o presidente Lula discorre sobre as diferenças entre a atual política do salário mínimo e a política anterior, principalmente em termos da participação das centrais sindicais nas negociações, e demonstra sua vivência do assunto, se posicionando às vezes como o presidente que é, às vezes como o dirigente sindical que foi.

No sétimo parágrafo, o presidente Lula volta à questão, já lançada no primeiro parágrafo, de que o aumento então combinado “possivelmente não seja tudo o que cada um de nós sonhou” (meu grifo). A quem se refere o “nós”? Aos dirigentes sindicais presentes, com os quais o presidente estaria se alinhando em função de seu passado? Aos ministros e ao presidente que representam o poder executivo e constituem um dos lados dessa mesa de negociação, o lado oposto ao dos dirigentes sindicais? A todos os presentes, sindicalistas e governo, os dois lados em negociação, todos como que irmanados por objetivos comuns? No caso do “nós” se referir a Lula mais os dirigentes sindicais, haveria aí uma crítica implícita aos ministros? Não é possível, e provavelmente nem desejável, desfazer a ambigüidade. De qualquer maneira, o enunciado citado acima é uma outra forma de dizer o que o presidente já havia dito no primeiro parágrafo de seu discurso, ou seja, que o aumento de R\$30,00 pode não corresponder às “aspirações e [ao] desejo que temos com relação ao salário mínimo que cada um constrói na cabeça como ideal”, mas é o que “era possível fazer de melhor”.

Em vez de continuar a argumentação nesta mesma linha, prática, pragmática, racional, realista e que poderia ser expressa com frases do tipo *melhor isso do que nada*, ou *melhor um pássaro na mão do que dois voando*, o presidente Lula parte para um outro tipo de argumento, que eu sintetizaria com a frase *para quem ganha salário mínimo, R\$30,00 não é tão pouco assim*, e que ele expressa no discurso com as seguintes palavras:

“Possivelmente não seja tudo o que cada um de nós sonhou. Agora, não menosprezem o que significa 30 reais para um homem que ganha um salário mínimo. Talvez quem ganhe 30 salários mínimos não saiba o valor que tem isso, talvez quem ganhe 20 salários mínimos não saiba, até porque 30 reais ele gasta de cerveja numa noite, mas para uma pessoa pobre, 30 reais às vezes significa o sustento dos próximos 15 dias. E todo mundo que vive de salário sabe o significado que tem, às vezes, uma moeda.”

Só um presidente com a origem e a história de vida de Lula, alguém que sabe “o que significa 30 reais”, pode fazer as afirmações acima impunemente. Qualquer outro político que não tenha uma história de vida semelhante à dele, marcada por pobreza, privações, dificuldades e luta, (e que não esteja constantemente lembrando e

reconstruindo os tempos difíceis, através de referências e narrativas, como se pôde ver nesse trabalho) soaria talvez arrogante, talvez condescendente. E para fundamentar suas afirmações, para mostrar que não esqueceu “o que significa 30 reais”, que *para quem ganha salário mínimo, R\$30,00 não é tão pouco assim*, o orador conta uma história pessoal.

— “**Por causa de uma moedinha**” —

“Eu me lembro, quem é de São Paulo, aqui, eu estudava no Senai do Ipiranga, e também trabalhei na (inaudível), e eu me lembro quantas vezes – eu já tinha mudado para a Ponte Preta, divisa com São Caetano – por falta de uma moedinha de 50 centavos, eu andava a pé 12 quilômetros, e ainda tinha que me esconder naquele campo onde hoje é a Favela de Heliópolis. Naquele tempo era só campo de futebol. Quem lembra? Tinha uns 40 campos de futebol. Acontece que eu pegava o ônibus no ponto e a minha mulher pegava em um ponto antes de mim – minha mulher não, minha noiva, depois virou minha mulher – e eu tinha que sair a pé, e toda hora que vinha um ônibus eu corria para o meio do campo para que a minha noiva não visse que eu estava andando a pé com a minha marmitinha, por causa de uma moedinha. E hoje nós sabemos quantos trabalhadores no centro de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, vão trabalhar a pé porque não têm essa moedinha, não têm 1 real, não têm 2 reais. Então, primeiro, é preciso valorizar, porque 30 reais é pouco para quem tem muito, mas é muito para quem tem pouco.”

A história acima apresenta semelhanças formais com as duas histórias do Discurso do Mova Brasil: as três são introduzidas pela expressão “eu me lembro” e relatam eventos recorrentes no passado que são expressos por verbos no pretérito imperfeito, constituindo uma quase-narrativa. A história acima, que chamei de “*Por causa de uma moedinha*”, é também parecida, em termos de tema e conteúdo, com “*A quase-narrativa das galochas (velhas)*” (discurso do Mova Brasil): ambas tratam de dificuldades enfrentadas pelo orador, no passado, em sua vida cotidiana. As três histórias se referem ao mesmo período da vida de Lula: talvez os tempos difíceis do curso do Senai (como ele parece mencionar), talvez o tempo dos primeiros empregos (afinal na quase-narrativa *Por causa de uma moedinha* ele já tinha noiva e não devia ter mais 15 ou 16 anos, nem ser mais aprendiz no Senai)... em todo caso, um período de dificuldades ou de “provas” a serem vencidas pelo “herói-operário”, um período um tanto “mítico”, antes de a vida começar a melhorar.

Com relação à construção textual dessa quase-narrativa, um ponto notável é a precisão geográfica – São Paulo, Senai do Ipiranga, Ponte Preta, São Caetano e Favela de Heliópolis, que não era favela na época da história, mas um terreno vazio, “uns 40 campos de futebol” (!). A precisão geográfica funciona no sentido oposto ao da imprecisão cronológica apontada no parágrafo anterior. Como entre os dirigentes sindicais haverá com certeza, majoritariamente, pessoal de São Paulo, os detalhes geográficos localizam concretamente o espaço onde a história se passa; para estes e também para os demais, que não conhecem os locais citados, a presença dos nomes próprios de locais dá concretude à história, reforçando sua veracidade.

Como no discurso do Mova Brasil, categorias baseadas em Labov (1972) e Linde (1993) guiarão a análise dessa quase-narrativa.

Referindo-se a eventos recorrentes no passado (expressos por verbos no imperfeito), em vez de a um episódio único (que seria narrado com verbos no pretérito perfeito), a história acima não é uma narrativa laboviana clássica. No mais, essa quase-narrativa tem as características de uma narrativa pessoal: o narrador escolhe eventos de seu passado e os organiza segundo sua ótica do presente, no contexto em questão, para servir a seus objetivos específicos na interação; há uma avaliação, que sublinhei (acima) e que pode ser resumido pela frase que encerra a avaliação: “30 reais é pouco para quem tem muito, mas é muito para quem tem pouco”.

Os eventos relatados fazem parte da história de vida do presidente Lula, que se “lembrou” desses eventos, organizou-os numa narrativa e a encaixou neste ponto do discurso visando justamente dar maior peso a seu argumento de que *para quem ganha salário mínimo, R\$30,00 não é tão pouco assim*. Considerando o público restrito a quem o orador se dirige, penso que a história funciona menos no sentido de convencer os sindicalistas presentes e mais no sentido de fornecer-lhes argumentos para convencerem seus representados (que aliás, como fica claro no discurso, em sua maioria, ganham mais do que o mínimo) de que o aumento de R\$30,00 não é desprezível.

A narrativa funciona também e principalmente para justificar a posição do presidente que considera que esse aumento não é ideal, mas é positivo, e, dentro das circunstâncias, é o que “era possível fazer de melhor”. Se ficasse apenas nesse tipo de argumentação, o presidente estaria assumindo e construindo apenas sua identidade

atual de presidente, chefe do executivo, aquele que está sentado frente a frente com os sindicalistas e, portanto, do outro lado da mesa, o adversário na negociação. Ao narrar a história “Por causa de uma moedinha”, o presidente se constrói como jovem pobre, aprendiz do Senai, operário sofrido; coloca a identidade de presidente em segundo plano e traz para o primeiro plano a identidade de operário; mostra, narrativamente, como os acontecimentos do passado e essa identidade primeira, antiga, formam o caráter do homem que ele é no presente e permitem que ele saiba “o que significa 30 reais para um homem que ganha um salário mínimo”. Tal construção identitária na narrativa e pela narrativa faz toda a diferença: é esse alinhamento identitário que torna o argumento de que *R\$30,00 não é tão pouco assim* muito mais aceitável, sem o ranço de condescendência que o mesmo teria na boca de pessoas menos alinhadas com o operariado.

5.2.2

Discurso da Ferrovia Norte-Sul

*Nothing is so admirable in politics as a short memory.
Citação atribuída a John Kenneth Galbraith*

Enquanto no discurso anterior (do salário mínimo) a narrativa é encaixada para fundamentar um argumento previamente explicitado, neste discurso, feito pelo presidente em 23.05.06, em Aguiarnópolis, Tocantins, durante visita de vistoria às obras do trecho Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul (discurso da ferrovia Norte-Sul daqui por diante), a própria narrativa, como veremos, constrói o argumento.

O discurso é da fase pré-eleitoral anterior à oficialização da candidatura do presidente Lula à reeleição. No meu entender, os temas abordados apontam para um enquadre predominante de discurso-de-candidato-em-campanha-eleitoral, embora o pronunciamento conste do *site* da presidência como um discurso oficial do presidente da república. Não farei aqui uma análise detalhada, mas vou delinear rapidamente que temas são esses que, penso, caracterizam o discurso como um discurso de campanha, até porque a caracterização do pronunciamento como discurso de campanha terá um papel no que é o foco deste trabalho: a análise da narrativa encaixada. Usarei frases do próprio discurso para listar os temas – sete críticas a um nebuloso “eles”, os

adversários do presidente nesta campanha eleitoral extra-oficial.

(01) “... há neste país um conjunto de pessoas que torce para o país não dar certo.”

(02) “Neste país tem um tipo de político que não gosta de pobre, que acha que a gente dar dinheiro para a pessoa comprar arroz e feijão para comer é assistencialismo.”

(03) “... neste país, presidente da República não aceitava conversar com prefeito, aliás, os prefeitos eram atendidos, às vezes, com cachorros policiais.”

(04) “... este país hoje não é mais um paisinho onde o presidente da República tinha que mandar o seu ministro da Fazenda ao FMI pedir dinheiro emprestado para pagar as suas *exportações* (sic).”

(05) “...porque a desgraça deste país sempre foi essa, um presidente começava uma obra, o outro vinha e parava porque tinha que começar a dele, um presidente tinha uma política de programa social, o outro chegava e parava porque tinha que ter a marca do presidente.”

(06) “... tem gente que acha que o Brasil é só a banda do Sul, eles não conhecem mais nada. E já cansamos de ver o Nordeste ser tratado como um lugar de segunda categoria”

(07) “... houve um tempo em que um presidente da República e um ministro diziam: ‘não posso fazer tal coisa na educação, porque eu vou gastar muito dinheiro’.”

No meu entender, as sete críticas acima sinalizam o enquadre *discurso-de-campanha* pois refletem temas da campanha eleitoral – políticas sociais (02), sucessos da política monetária (04), orçamento da educação (07), críticas ao ex-presidente Fernando Henrique (03 e 07), a governos anteriores em geral (05) e às “elites” (01 e 06). É dentro desse enquadre de discurso-de-campanha que vou analisar a história que o presidente Lula propõe contar quando, no início do discurso, logo após as saudações iniciais dirigidas a uma série de autoridades presentes, inclusive ao ex-presidente Sarney, diz:

“Eu vou **esquecer** um pouco **o que está escrito** no meu pronunciamento e **vou contar uma história** para vocês.”

A narrativa encaixada que reproduzo abaixo abre, portanto, o discurso propriamente dito, preâmbulos excluídos.

— **“Um país do tamanho do Brasil”** —

“Quando eu perdi as eleições, em 1989, eu me dei conta de que alguém para ser candidato a presidente da República de um país do tamanho do Brasil precisaria, antes de tudo, ter a humildade e conhecer o tamanho da coisa que ele quer governar.

Eu estou dizendo isso porque foi exatamente a partir de 1992 que eu comecei a percorrer o Brasil de trem, de ônibus, de barco e de carro. Foram praticamente, presidente Sarney, 91 mil quilômetros andados em três anos; 91 mil quilômetros em que eu atravessei, do Oiapoque ao Chuí, este país, percorrendo e conhecendo cidades, conhecendo acampamentos, conhecendo os nossos rios, a nossa riqueza, a nossa pobreza, até que chegou 2002. Por que eu comecei a contar essa história? Porque em 1987 eu era deputado constituinte, o deputado mais votado da história do Brasil. E eu cheguei lá, não conhecia o presidente Sarney, conhecia a história política que o tinha levado à Presidência da República, e chega lá o presidente Sarney e anuncia a construção da Ferrovia Norte-Sul.

Um dia desses, Sarney, eu estava conversando com o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, que foi constituinte junto comigo, e eu estava lembrando a eles quantos discursos nós fizemos contra a Ferrovia Norte-Sul, muitos discursos, Sarney. A gente dizia textualmente que a Ferrovia Norte Sul era uma ferrovia – naquele tempo não tinha a palavra “virtual” – era uma ferrovia que ligava nada a nada e somente depois que eu comecei a andar o Brasil, a conhecer a profundidade das diferenças do país, conhecer a profundidade das desigualdades regionais deste país é que eu me dei conta de quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas, dizemos que não gostamos de pessoas sem conhecer as pessoas, dizemos que gostamos sem conhecer, somos contra alguma coisa sem saber porque somos contra.

Hoje, eu estou aqui, porque depois de percorrer 91 mil quilômetros neste país, de estrada, de ferrovia e de barco, eu ganhei as eleições para presidente da República e, logo no primeiro ano, disse ao presidente Sarney: nós vamos retomar a Ferrovia Norte-Sul porque ela é extremamente importante para o processo de integração da riqueza deste país, para o processo de escoamento da produção da nossa riqueza e, sobretudo, ela é extremamente importante para desenvolver o Centro-Oeste brasileiro. “

Na história acima, o ordenamento temporal é bastante sofisticado, com idas e vindas no tempo, ao estilo dos *flashbacks* literários e cinematográficos. O narrador começa falando de 1989 quando, após perder as eleições (para Fernando Collor), resolveu conhecer o Brasil, o que fez por três anos “a partir de 1992”, “até que chegou 2002” (ano em que finalmente ganhou a eleição presidencial). Em seguida, volta no tempo, para 1987, quando criticava a ferrovia cujas obras agora visita, e quando criticava José Sarney, na companhia de quem Lula visita as obras da mesma ferrovia. Essa rememoração das críticas de 1987 é feita também com uma referência a 2006, o presente do discurso, representado por “um dia desses”, e a um companheiro de críticas, Nelson Jobim. Depois disso, o narrador pula para 2003, no primeiro ano de seu primeiro mandato, quando resolveu “retomar a Ferrovia Norte-Sul”. A ligar essas idas e vindas no tempo, a idéia de que tendo conhecido o Brasil, “o tamanho da coisa que ele quer governar”, Lula mudou de idéia: não mais pensa que a ferrovia Norte-Sul “liga[va] nada a nada”, mas sim que “ela é extremamente importante para o processo de integração da riqueza deste país”.

Assim, com idas e vindas no tempo, com uma série de detalhes e pequenas digressões, os quatro parágrafos da narrativa desenvolvem a argumentação do presidente Lula para justificar sua mudança de opinião, constroem sentidos e representações identitárias e ainda formulam um quase pedido de desculpas ao antigo inimigo e atual aliado, Sarney – “eu me dei conta de quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas, dizemos que não gostamos de pessoas sem conhecer as pessoas”.

Com a finalidade de ressaltar o “esqueleto” da narrativa, eliminarei os detalhes e digressões e apresentarei abaixo apenas os eventos em torno dos quais a narrativa se constrói. Estarei usando assim uma técnica analítica favorecida por Norrick (2000, pp. 27-45) que fala de “colocar de lado repetições e digressões para extrair uma narrativa básica”, que ele também chama de “estrutura interna da narrativa”. Na narrativa em questão, “*Um país do tamanho do Brasil*”, usarei essa técnica de “extrair a narrativa básica” em dois estágios. Primeiro, colocarei de lado detalhes, repetições, digressões para extrair os enunciados básicos que constituem essa narrativa e listá-los na mesma ordem em que aparecem na história, tal como narrada pelo orador. Em seguida, colocarei esses enunciados básicos numa ordem temporal direta, do evento mais antigo para o mais recente, que (como visto acima)

não é a ordem em que a narrativa é construída. No meu entender, detalhes, repetições e digressões são essenciais e fazem da narrativa o que ela é. Abandoná-los temporariamente é tão somente uma estratégia analítica; eles serão retomados logo a seguir:

Ordem da narrativa:

1º parágrafo

- (01) Quando eu perdi as eleições, em 1989,
- (02) eu me dei conta de que alguém para ser candidato a presidente ...
- (03) precisaria ... conhecer o tamanho da coisa que ele quer governar.

2º parágrafo

- (04) ...a partir de 1992 ... eu comecei a percorrer o Brasil ...
- (05) Foram ... 91 mil quilômetros andados em três anos ...
- (06) ... até que chegou 2002.
- (07) Por que eu comecei a contar essa história?
- (08) Porque em 1987 eu era deputado constituinte
- (09) o presidente Sarney ... anuncia [anunciou] a construção da Ferrovia Norte-Sul.

3º parágrafo

- (10) ... Nelson Jobim ... foi constituinte junto comigo...
- (11) ... quantos discursos nós fizemos contra a Ferrovia Norte-Sul, ...
- (12) ... somente depois que eu comecei a andar o Brasil...
- (13) ... eu me dei conta de quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas,

4º parágrafo

- (14) ... eu ganhei as eleições para presidente da República e,
- (15) logo no primeiro ano, disse vamos retomar a Ferrovia Norte-Sul
- (16) porque ela é extremamente importante para o processo de integração ... deste país

Ordem temporal direta:

- (08) ~~Porque~~ em 1987 eu era deputado constituinte
- (09) o presidente Sarney ... anuncia [anunciou] a construção da Ferrovia Norte-Sul.
- (10) ... Nelson Jobim ... foi constituinte junto comigo...
- (11) ... quantos discursos nós fizemos contra a Ferrovia Norte-Sul, ...
- (01) Quando eu perdi as eleições, em 1989,
- (02) eu me dei conta de que alguém para ser candidato a presidente ...
- (03) precisaria conhecer o tamanho da coisa que ele quer governar.
- (04) ...a partir de 1992 ... eu comecei a percorrer o Brasil ...
- (05) Foram ... 91 mil quilômetros andados em três anos ...
- (12) ... somente depois que eu comecei a andar o Brasil...
- (13) ... eu me dei conta de quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas,

- (06) até que chegou 2002.
- (14) ... eu ganhei as eleições para presidente da República e,
- (15) logo no primeiro ano, disse ... vamos retomar a Ferrovia Norte-Sul
- (16) porque ela é extremamente importante para o processo de integração ... deste país

Eliminei (07) — ~~Por que eu comecei a contar essa história?~~

Penso que o exercício de construir esses dois “esqueletos” – o primeiro com a mesma ordenação temporal da narrativa e o segundo, na ordem cronológica direta, eliminando idas e vindas no tempo, além de detalhes, repetições e digressões – ilumina como é construído o argumento para explicar uma mudança de opinião radical: Lula passa de criticar a construção da Ferrovia Norte-Sul por considerá-la desnecessária a determinar a retomada das obras, classificando a mesma ferrovia de “extremamente importante”.

A justificativa que o presidente Lula constrói na narrativa para sua mudança de opinião é que só depois de viajar por todo o território nacional ele se deu conta da importância da Ferrovia Norte-Sul para “um país do tamanho do Brasil”. Portanto, as críticas feitas em 1987 teriam sido injustas, o que orador reconhece (“quantas vezes nós cometemos injustiças”). As críticas teriam sido feitas por desconhecimento e ignorância do orador em relação à realidade brasileira em 1987; essa ignorância teria sido sanada com as viagens que o orador fez, a partir de 1992, para conhecer o Brasil de perto. O desconhecimento, penso, revelaria irresponsabilidade por parte de alguém que era deputado federal em 1987 e, espera-se, deveria estudar um assunto antes de tomar posição. Portanto, as críticas feitas em 1987 teriam sido, além de injustas, também irresponsáveis – irresponsabilidade que é, de resto, ignorada na construção dessa narrativa-argumento.

Como o orador consegue minimizar sua exposição por ter feito críticas que hoje ele mesmo considera injustas? Como consegue “proteger sua face”⁹ (Goffman, [1967] 1980)? De várias formas. Uma delas é dividindo a responsabilidade pelas críticas feitas em 1987 com ninguém menos que o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim. Assim não é somente Lula, um sindicalista sem muito estudo, que se enganou, mas o ilustre advogado, jurista e ministro do Supremo Nelson Jobim. (Parece que errar em boa companhia de alguma forma minimiza o erro.)

⁹ Uso a noção de *face* tal como definida por Goffman ([1967] 1980) – “uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

Outra forma de minimizar o suposto erro de avaliação é utilizando o pronome “nós” e, de algum modo, generalizando para toda a humanidade a injustiça que orador considera ter cometido. O conhecimento compartilhado de mundo que garante a inteligibilidade e a naturalidade do trecho a seguir pode ser expresso pelo provérbio *errar é humano*.

“... quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas, dizemos que não gostamos de pessoas sem conhecer as pessoas, dizemos que gostamos sem conhecer, somos contra alguma coisa sem saber porque somos contra.”

Embora quem cometeu a “injustiça” acima tenha sido, segundo suas próprias palavras, “o deputado mais votado da história do Brasil”, não há qualquer menção a ter sido ele irresponsável em suas declarações, ter falhado como deputado, não ter analisado a conveniência da obra de maneira séria; há apenas esse sentimento vago de ter sido “injusto” com a pessoa de Sarney. O evento sai da esfera da coisa pública, do compromisso com os eleitores (o desconhecimento não seria uma desculpa aceitável), e passa à esfera pessoal, de relacionamentos e interações entre indivíduos. Essa é a terceira maneira de minimizar o suposto erro de julgamento: transferi-lo da esfera da responsabilidade com a coisa pública para a esfera da vida privada.

Em discurso feito em Aracaju, em 06.09.1987, portanto durante o mandato de Sarney, o então deputado federal Luís Inácio “Lula” da Silva dizia o seguinte sobre a ferrovia que “ligava nada a nada” (grifo meus):

“O presidente da República ao invés de fazer açude, ao invés de fazer cacimba, ao invés de fazer poço artesiano ou fazer irrigação no Nordeste, **vai gastar 2 bilhões e meio de dólares pra construir uma ferrovia, Norte-Sul, ligando a casa dele, no Maranhão, à casa dele, em Brasília.**”

O que o presidente Lula convenientemente esquece em seu discurso de 2006 é que ele não apenas criticou a utilidade da ferrovia, mas criticou o desempenho e o caráter do então presidente Sarney, atual senador aliado. Eis o que Lula dizia em Aracaju em 1987:

“E a Nova República é pior do que a velha, porque antigamente na Velha República era o militar que vinha na televisão e falava, e hoje o militar não precisa mais falar

porque o Sarney fala pelos militares ou os militares falam pelo Sarney. Nós sabemos que antigamente -os mais jovens não conhecem-, mas antigamente se dizia que o Ademar de Barros era ladrão, que o Maluf era ladrão; **pois bem: Ademar de Barros e Maluf poderiam ser ladrão (sic), mas eles são trombadinhas perto do grande ladrão que é o governante da nova República**, perto dos assaltos que se faz.”

Já no discurso que ora analiso, de 2006, o presidente Lula trata Sarney quase que carinhosamente, se dirigindo a ele pelo nome várias vezes durante o pronunciamento e não lhe poupando elogios, como no 7º parágrafo, quando diz “... Sarney, quando você criou o Programa do Leite, um dos mais **extraordinários** programas para combater a desnutrição neste país ...” (grifo meu).

Considerando que na campanha eleitoral de 2006 José Sarney fez parte da “base aliada” e que o enquadre predominante deste pronunciamento é o de discurso de campanha, vê-se como os recursos narrativos são utilizados para explicar mudanças de posição e neutralizar possíveis avaliações negativas, a saber, a inevitável acusação de vira-casaca diante de mudanças de posição tão evidentes. Assim, aprovar uma ferrovia que antes se criticava e aliar-se a quem antes se acusava deixam de ser vistos como fraqueza de caráter e traição a princípios e ideais e passam a representar capacidade de mudança e a ser encarados simplesmente como resultado de um (louvável) maior conhecimento sobre a realidade e as necessidades do Brasil.

Finalmente, uma característica interessante da narrativa “*Um país do tamanho do Brasil*”, pois a distingue das demais nesse trabalho, é que nela o orador projeta auto-representações suas dentro do âmbito da política. Lula se constrói como “deputado constituinte, o deputado mais votado da história do Brasil”: demonstra familiaridade com “o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, que foi constituinte [com ele]”. Lula se constrói também como “candidato a presidente da República de um país do tamanho do Brasil”: percorreu 91 mil quilômetros, atravessou o país “do Oiapoque ao Chuí”, conhecendo tudo. Lula se constrói ainda e principalmente como presidente da república, que ganhou as eleições e, demonstrando toda sua agentividade e poder, decidiu, “logo no primeiro ano”, “retomar a Ferrovia Norte-Sul porque [...] sobretudo, ela é extremamente importante para desenvolver o Centro-Oeste brasileiro.”

Não mais ou não apenas o migrante nordestino que sabe o que é passar fome e portanto, como presidente, apóia programas sociais como o Bolsa-Família e

programas sócio-educacionais como o ProJovem e o Mova Brasil; não mais ou não apenas o jovem pobre salvo da miséria por um curso de torneiro mecânico no Senai e que, ao se tornar presidente, apóia programas como o Jovem Aprendiz; não mais ou não apenas o operário sofrido que, eleito presidente, trabalha pelo aumento real do salário mínimo; não mais ou não apenas o sindicalista solidário, perspicaz, flexível e pragmático que, por seus atributos, reúne todas as qualidades para ser presidente, e, em sua atuação no movimento sindical, obteve todo o preparo necessário para exercer com sucesso a presidência – na narrativa encaixada no discurso da Ferrovia Norte-Sul, o presidente Lula se constrói como político em campanha e como presidente no comando.

No entanto, em que pese essa sua auto-representação como político, nem por isso Lula se alinha aos políticos profissionais: Lula se constrói como um presidente original, diferente dos políticos profissionais, diferente dos outros ex-presidentes, e, principalmente, diferente das elites e de Fernando Henrique. No final do oitavo parágrafo do discurso da Ferrovia Norte-Sul, Lula afirma (grifos meus): “quem vive fazendo política **só na capital** ou **na universidade** ou quem fica fazendo política **só em Brasília**, não tem dimensão do Brasil real que [ele] enfrenta.” A identidade de presidente que Lula constrói a narrativa “*Um país do tamanho do Brasil*” está alinhada com o conteúdo do discurso já citado que fez para empresários em Brasília em 03.10.07 (vide p. 72 desta dissertação), no qual afirmou ser ele “a única alternância de poder que aconteceu em 500 anos”.